

Receita para crescer

LIANA VERDINI*

Os temores de uma mudança na Argentina estiveram no centro dos debates do seminário internacional sobre econometria. Segundo o economista argentino Carlos Romero, o alto grau de endividamento das empresas e pessoas físicas na Argentina dificulta qualquer mudança na paridade de um dólar para um peso. Há dez dias o país trocou o ministro da Economia — saiu Domingo Cavallo e entrou o ortodoxo Roque Fernández. “A Argentina precisa do capital externo para reduzir seu déficit”, afirmou Romero. “E só há duas maneiras de conseguir atrair estes recursos: com credibilidade e privatização”.

O programa de privatização está bastante avançado. Com o retorno do capital estrangeiro é possível reduzir o déficit. “A Argentina já produziu uma recessão grande e o desemprego está muito elevado. Só mesmo com dinheiro para reverter este quadro”, disse o professor. Romero lembrou que logo depois da crise do México, em dezembro de 1994, houve uma fuga de capitais de US\$ 10 bilhões. O dinheiro voltou, mas o cenário econômico ainda não melhorou.

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, se disse tranquilo com a mudança no comando da economia argentina. “Toda a comunidade internacional entendeu que haveria continuidade na política econômica”, lembrou. “Rumores sobre mudanças só servem a certos tipos de operadores que estão no jogo de comprados e vendidos no mercado futuro. Foi uma bolha especulativa que acabou porque não tinha qualquer sustentação”.

Malan disse que o Brasil vai continuar crescendo, mas nada que possa ser tomado como um novo surto. Pelas previsões do ministro, a economia brasileira deverá crescer em 97 entre 4,5% e 5%, patamar que deverá ser repetido em 98. Para este ano, a expectativa de Malan é de que a economia chegue ao fim do ano registrando um aumento entre 3% e 3,5%. Com isto, o Brasil deverá acumular um crescimento de 30% em cinco anos, entre 93 e 98.

Seriedade — “Não resta dúvida de que este é um crescimento expressivo”, disse o ministro, que esteve ontem no Rio para abrir o seminário dos econometristas. Malan disse que o governo está trabalhando para criar condições para um crescimento sustentável ao lon-

go do tempo. Para isto, a equipe econômica vem tentando equilibrar as contas públicas. “Dizer a esta altura do jogo que o ajuste fiscal é muito importante não me parece um comentário sério”, reagiu Malan, referindo-se às críticas do economista Robert Barrow, publicadas ontem no jornal *Gazeta Mercantil*, de que o Real não é um plano sério.

“Não precisamos do alerta de ninguém. Não precisamos de um acadêmico que pouco conhece o Brasil dizendo o óbvio. Estamos dizendo há três anos que se o Brasil fracassar nos ajustes terá problemas”, disse sem esconder a irritação.

O ministro assegurou que os números da economia brasileira são muito diferentes da mexicana, na época da crise cambial. No fim de 1994, o déficit em conta corrente mexicano era de 8% do Produto Interno Bruto (PIB) e o déficit na balança comercial era de US\$ 18,5 bilhões ou 5% do PIB. “Transportando para o Brasil, seria como termos um déficit na balança comercial de US\$ 35 bilhões”, disse.

Equilíbrio — O tema também foi debatido, no fim da tarde, em uma mesa redonda da qual participaram Arminio Fraga Neto, ex-diretor do Banco Central e um dos sócios do megainvestidor George Soros, e John Welch, economista-chefe do banco de investimento Lehman Brothers.

“Hoje, no Brasil, o equilíbrio no orçamento e a reestruturação do sistema financeiro são dois fatores internos muito importantes para a volatilidade e que ainda preocupam os investidores estrangeiros”, disse Arminio Fraga Neto.

John Welch disse que não devem ser diferenciados os investidores estrangeiros dos domésticos.

“Quando houve a crise no México, foram os recursos dos investidores mexicanos os primeiros a fugirem. Por isso, o investidor estrangeiro mais importante no Brasil são os brasileiros; na Argentina, os argentinos, e assim por diante”.

Welch acredita que a questão mais importante que o Brasil e a Argentina têm de enfrentar é transformar os fluxos de curto prazo em investimentos de longo prazo. “Isso só se consegue quando os países fizerem os ajustes fiscais necessários e conquistarem maior credibilidade junto aos investidores”, concluiu.

*Colaborou Fábio Alves

Fernando Rabello



Fraga: orçamento e sistema financeiro preocupam investidor externo